

BIXA SERTANEJA: GERAÇÃO, VIVÊNCIA E CONSTRUÇÃO DE SI

João Pedro Gomes Siqueira ¹

INTRODUÇÃO

A imagem do homem sertanejo, construída historicamente na literatura, na cultura popular e nas narrativas nacionais, ainda é atravessada por atributos como virilidade, força e austeridade. Essa construção simbólica, consagrada por autores como Euclides da Cunha e José de Alencar, consolidou a figura do sertanejo como um sujeito resistente e heroico, mas também produziu exclusões e silenciamentos. As identidades dissidentes, como as de bixas, travestis, mulheres trans e outros corpos cuir que habitam o semiárido, permanecem à margem do imaginário regional, relegadas à invisibilidade e à violência simbólica e física.

Este artigo propõe analisar as formas de existência, resistência e (re)construção identitária das chamadas bixas sertanejas, a partir de uma perspectiva educativa e interseccional. O objetivo é compreender como esses sujeitos performam suas identidades em meio às normas cisheteronormativas que regem o território sertanejo, tensionando o que se entende por masculinidade, cultura e educação. A reflexão ancora-se nas contribuições de Paulo Freire (1996), Roseli Caldart (2021), Judith Butler (2003), Raewyn Connell (1995, 2016), Guacira Louro (1997, 2004), Kimberlé Crenshaw (1989) e Patricia Hill Collins (2017), entre outros autores que discutem os entrelaçamentos entre gênero, sexualidade, território e poder.

Com base em uma abordagem qualitativa e etnográfica, a análise busca compreender as experiências das bixas sertanejas em Paulo Afonso – BA, entendendo-as como expressões políticas e pedagógicas. Ao reconhecer o sertão como espaço de invenção e resistência, propõe-se romper com a visão tradicional que o associa apenas à escassez, afirmando-o como lugar de saberes e de reexistência. Assim, a bixa sertaneja emerge como sujeito de aprendizagem, fabulação e transformação, que desafia os roteiros normativos e propõe outras pedagogias possíveis.

A fundamentação teórica deste estudo apoia-se em uma perspectiva crítica e interseccional que compreende gênero e sexualidade como construções sociais, políticas e discursivas. Butler (2003) propõe a noção de performatividade, segundo a qual o gênero não é uma essência, mas uma repetição constante de atos que reiteram normas sociais. Assim, as

¹ Graduando em Letras do Centro Universitário Internacional - UNINTER, pedro.chacara7@gmail.com;

identidades são sempre produzidas nas fronteiras do poder, e podem ser subvertidas por meio da dissidência e da resistência.

Guacira Louro (1997, 2004) enfatiza que a escola é uma das instituições que mais contribuem para a naturalização dessas normas de gênero e sexualidade, mas também pode ser espaço de fissura e emancipação. Já Raewyn Connell (1995, 2016) introduz o conceito de masculinidade hegemônica, que se apresenta como modelo dominante a partir do qual outras masculinidades são subordinadas. No contexto sertanejo, essa masculinidade é reforçada por valores culturais que associam o homem à força física e à resistência, invisibilizando outras expressões identitárias.

A perspectiva de interseccionalidade, formulada por Crenshaw (1989) e aprofundada por Collins (2017), é essencial para compreender como gênero, raça, classe e território se entrecruzam na experiência das bixas sertanejas. Ser bixa no sertão é também ser atravessada por condições materiais e simbólicas que definem o acesso a direitos, educação e reconhecimento. Nesse sentido, Paulo Freire (1996) e Roseli Caldart (2021) ajudam a pensar a educação como ato político e emancipador, no qual os sujeitos produzem saberes a partir de suas experiências e resistências.

Portanto, compreender a bixa sertaneja como sujeito educativo é compreender que sua existência é também uma pedagogia da resistência. Ela ensina sobre corpo, desejo e liberdade, não apenas nas salas de aula, mas nas ruas, nas redes sociais e nos espaços comunitários. A partir dessa base teórica, a análise se volta para os modos de viver e resistir dessas identidades dissidentes no sertão nordestino.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, sustentada em princípios etnográficos e interpretativos. O método busca compreender o significado das experiências a partir das perspectivas dos sujeitos, reconhecendo o valor das narrativas e dos contextos socioculturais em que estão inseridos. As entrevistas semiestruturadas e a observação participante constituem os principais instrumentos metodológicos, permitindo que as vozes das bixas sertanejas emergissem de forma autêntica e situada.

As entrevistas foram realizadas com sujeitos LGBTQIAPN+ residentes em Paulo Afonso – BA, com idades entre 18 e 30 anos, em locais escolhidos pelos próprios participantes, de modo a garantir conforto e segurança. O estudo respeitou todos os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido (TCLE). A observação participante, inspirada em Lüdke e André (1986), possibilitou uma escuta sensível e o diálogo com os contextos sociais observados, favorecendo a compreensão dos modos de viver e resistir das bixas sertanejas.

A análise de dados foi orientada por um olhar interpretativo, articulando as categorias teóricas de gênero, sexualidade, território e resistência às falas e práticas observadas. Buscou-se identificar padrões temáticos que revelassem os sentidos atribuídos à experiência de ser bixa no sertão, articulando o vivido com a teoria e compreendendo as dimensões políticas e pedagógicas dessas existências.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa revelam que as vivências das bixas sertanejas são atravessadas por contradições que expressam tanto o peso das normas quanto a potência das resistências cotidianas. Nos relatos, a experiência de ser bixa no sertão aparece entre o medo e o orgulho, entre o silêncio e a necessidade de fala. Trata-se de uma construção identitária que se dá “a golpes de corpo”, em meio à dureza das paisagens e das relações sociais que delimitam o que pode e o que não pode ser.

1. A escola como espaço de tensão e aprendizado

A escola aparece, nas falas, como um dos principais cenários de conflito e também de aprendizagem. Se, por um lado, funciona como instituição que reproduz normas e regula corpos, por outro, é também o espaço onde muitos sujeitos começam a nomear o que sentem e a construir sentidos sobre si, como nos conta o Entrevistado A (2025):

Na escola eu aprendi a me esconder, mas também aprendi a me mostrar. Foi lá que me chamaram de bixa pela primeira vez, e eu entendi que essa palavra podia doer, mas também podia ser minha.

Essa ambivalência entre repressão e descoberta reflete o que Guacira Louro (1997) chama de “pedagogias da sexualidade” — um conjunto de práticas e discursos que atravessam o cotidiano escolar, ensinando o que deve ou não ser dito, o que pode ou não ser vivido. Contudo, nas brechas desses mecanismos de controle, emergem experiências de liberdade e resistência, em que o aprender se torna um ato político, como afirma Freire (1996).

2. Corpo e resistência: o aprender pela carne

A performatividade das bixas sertanejas é, ao mesmo tempo, uma forma de resistência e de produção de conhecimento. O corpo, longe de ser apenas alvo de normatização, torna-se instrumento pedagógico e político. As roupas, os gestos, as formas de fala e de estar no mundo reconfiguram o que Butler (2003) denomina “atos performativos subversivos”. “Quando eu boto um cropped pra ir pro centro, já sei que o povo vai olhar torto. Mas é ali que eu sinto que tô vivo, que sou eu. O corpo é meu jeito de responder.” (Entrevistado B, 2025). Essas práticas performáticas desafiam a masculinidade hegemônica descrita por Connell (1995), questionando a ideia de que ser homem no sertão é necessariamente ser forte, viril e impenetrável. Ao se afirmarem como bixas, esses sujeitos reinventam o corpo sertanejo, tornando-o símbolo de criação e transgressão.

Como lembra Bento (2006), a “reinvenção do corpo” é também reinvenção da vida: um exercício de autonomia frente às violências simbólicas e materiais. Nesse sentido, a resistência das bixas sertanejas é pedagógica, pois ensina a olhar o corpo como território de aprendizagem, afetos e dignidade.

3. Religião, família e o pacto do silêncio

As experiências de fé e de convivência familiar também aparecem como dimensões cruciais nas falas, revelando o entrelaçamento entre amor e controle, acolhimento e rejeição. Em muitos casos, a religião é usada como dispositivo de negação da diferença, mas também como espaço de reconstrução simbólica. “Minha mãe dizia que Deus podia me curar, mas hoje eu acho que foi Deus mesmo que me deu coragem pra ser assim.”, a fala do Entrevistado C (2025) ilustra como as bixas sertanejas reapropriam elementos da fé para afirmar sua existência. Isso reforça a noção de interseccionalidade de Crenshaw (1989), segundo a qual as opressões não se somam, mas se entrelaçam. No caso das bixas sertanejas, religião, gênero, classe e território formam uma trama complexa, onde a resistência se constrói dentro, e não fora, das estruturas de poder.

4. Território e pertencimento: o sertão como lugar de fabulação



O sertão, para as participantes, não é apenas cenário, mas um elemento ativo na formação das identidades. O território aparece como parte do corpo e da memória, um espaço que educa, pune e inspira. O Entrevistado D (2025) diz: “O povo acha que aqui não tem espaço pra gente, mas é aqui que eu me fiz. O sertão me ensinou a ser dura e doce ao mesmo tempo.”. A fala do Entrevistado D (2025) ressoa com o que Caldart (2021) aponta ao dizer que a educação dos sujeitos populares nasce do chão que pisam. O sertão, visto aqui como espaço educativo, é também território de invenção. Ao resistir, as bixas sertanejas o refabulam, criando novas narrativas sobre o que é ser sertanejo e sobre o que é possível existir nesse espaço. Elas constroem o que Ehlert (2023) chama de “fabulações críticas” — exercícios imaginativos que projetam futuros possíveis desde as margens.

5. Pedagogias da reexistência

Os relatos evidenciam que há, nas vivências dessas pessoas, uma pedagogia que nasce da reexistência, conceito que une resistência e criação. Trata-se de um aprendizado que não se limita às instituições formais, mas que se expressa nas relações cotidianas, nas redes de afeto e nas práticas culturais. Como a Entrevistada E (2025) nos conta: “A gente aprende com a outra, na conversa, na dança, no olhar. É uma escola sem sala, mas cheia de lição.” Essas “pedagogias do cotidiano”, nas palavras de Louro (2004), são fundamentais para compreender como o conhecimento é produzido fora dos moldes tradicionais. A reexistência das bixas sertanejas ensina que educar também é sobreviver, fabular, dançar e amar em contextos adversos.

A análise dos dados indica que as bixas sertanejas operam uma dupla transformação: de si e do território. Elas desestabilizam a lógica do “sertão viril” e propõem novas formas de pensar o corpo, a fé, o gênero e a educação. Suas narrativas demonstram que a escola e a sociedade ainda são espaços de disputa, mas que podem se abrir à pluralidade.

Essas experiências, lidas sob a luz de Freire (1996), revelam que o processo educativo é um ato de liberdade. Ser bixa no sertão é reinventar o verbo “existir” — é tornar o corpo palavra, o silêncio fala e o medo coragem. A partir dessas vozes, compreende-se que o sertão, mais do que um lugar geográfico, é uma metáfora de resistência e de reencantamento do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura da bixa sertaneja simboliza uma ruptura com as masculinidades normativas que estruturam o imaginário do sertão nordestino. Este estudo buscou evidenciar que, mesmo em contextos marcados pela escassez e pelo conservadorismo, há sujeitos que reinventam modos de viver, amar e aprender. Suas existências convocam uma reflexão profunda sobre a função social da escola e sobre a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade.

A bixa sertaneja não apenas resiste: ela reexiste. Sua trajetória, marcada por interseccionalidades de gênero, raça, classe e território, revela uma pedagogia do corpo e da experiência. Ao fabular futuros possíveis e desobedecer aos roteiros normativos, ela transforma o sertão em espaço de invenção e liberdade.

Por fim, reafirma-se que estudar as bixas sertanejas é também um ato político e educativo. É reconhecer que o sertão é plural e vivo, e que nele cabem todas as formas de ser, sentir e existir. Este trabalho, portanto, propõe que novas pesquisas e práticas educativas ampliem o olhar sobre as dissidências de gênero e sexualidade fora dos grandes centros urbanos, consolidando o sertão como território de resistência, criação e conhecimento.

Palavras-chave: Sertão, Identidade de Gênero, Bixa Sertaneja, Interseccionalidade, Futuridades Cuir.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. de. O Sertanejo. Fortaleza: Editora Verde Mares, 1998.

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDART, Roseli. Sobre as tarefas educativas da escola e a atualidade. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. 2. ed. New York: Routledge, 2017.

CONNELL, Raewyn. Masculinities. Berkeley: University of California Press, 1995.

CONNELL, Raewyn. Gênero em termos reais. São Paulo: nVersos, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex. University of Chicago Legal Forum, v.1989, n.1, p.139–167, 1989.

DIAS, P. R. P. S. M. O sertão e o sertanejo: um Brasil de vários sertões. Revista Científica Novas Configurações – Diálogos Plurais, v.1, n.1, p.4–11, 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.